

O FEMINISMO NOS QUADRINHOS: UMA LEITURA ATRAVÉS DE PERSÉPOLIS

Herbert Sousa de Araujo (1); Prof^o Márcia Tavares Silva (1)

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – herbertsousadearaujo@gmail.com

As questões em torno dos estudos de gênero vêm recebendo atenção e ganhando espaço na sociedade desde o surgimento dos movimentos feministas, dos estudos de Simone de Beauvoir, de Judith Butler, até a contemporaneidade. Sendo assim, e compreendendo que as identidades de gênero não se restringem apenas a diferenças biológicas, mas são um conjunto de fatores que partem do social e do coletivo, e assim formam a identidade subjetiva do que é ser homem e mulher, temos como objetivo investigar como é apresentado o feminismo em uma HQ intitulada Persépolis, tendo em vista que o quadrinho em questão nos apresenta uma história autobiográfica de uma pequena jovem iraniana, Marjane Satapri, que aos dez anos de idade viu sua vida ser completamente transformada pela revolução islâmica ocorrida a partir de 1979, e que colocou o seu país no topo do conservadorismo e da repressão, e além de se manter recluso e bloqueado para o resto do mundo, ajudou no fortalecimento da desigualdade entre homens e mulheres. Desse modo, recuperamos as concepções do que se caracteriza como o movimento feminista e seus ideais, revelando-o como um movimento social e também político que busca acima de tudo a conquista aos direitos igualitários, em que as mulheres não sejam subjugadas e subestimadas como foram ao longo dos séculos, e que possam ter sua liberdade garantida para decidirem o que querem fazer com a sua vida e com seu futuro. Como suportes teóricos para as análises, utilizamos estudos sobre feminismo e gênero realizados por Butler (1987), Beauvoir (1980), Rodrigues (2016) e sobre quadrinhos tendo como base Eisner (1989).

Palavras-chave: Feminismo, HQ, Persépolis.

1. Introdução

Compreender a identidade e a subjetividade de cada indivíduo se configura atualmente como uma grande questão social, as abordagens à volta dos estudos de gênero, especificamente da mulher, vêm ganhando visibilidade e propiciando reflexões sobre o que é ser mulher na contemporaneidade e sobre as dificuldades que ainda precisam ser superadas.

Desse modo, as questões discutidas pelos estudos culturais estão ganhando representação nas manifestações artísticas e conseqüentemente na literatura, como uma forma de falar dos mais diversos problemas sociais, evidenciando o seu contexto e uma realidade histórica que não podem e nem devem ser excluídos.

Partindo do que foi exposto, esse artigo pretende observar e verificar uma vertente dos estudos culturais, o feminismo, tendo em vista que a literatura contemporânea está repleta de exemplos que abordam essa temática, incluindo os próprios quadrinhos.

Para a análise, selecionamos uma HQ autobiográfica da autora Marjane Satapri, intitulada *Persepólis*, que narra as dificuldades vividas pela então jovem iraniana após uma onda de repressão se instalar em seu país e colocar as mulheres em uma posição de inferioridade.

Como base teórica para a realização da análise, foi feito um estudo de revisão de literatura fundamentando-se em Beauvoir (1980), Butler (1987), Rodrigues (2016) e Eisner (1989), por meio desse estudo recuperamos em um primeiro momento as concepções do que é ser mulher, do feminismo, em seguida, abordamos o universo dos quadrinhos, evidenciando a HQ *Persépolis*. Assim, pretendemos verificar como é apresentado o feminismo.

2. Os estudos culturais: A mulher e o feminismo

Ao longo de muitos anos, a mulher foi vista como um ser inferior ao homem e que deveria apenas exercer funções que tivessem finalidades de auxílio, esse pensamento fez com que houvesse uma supremacia masculina que ainda deixa resquícios e que é muito difícil de ser superado.

Entretanto, desde 1940 com a publicação da obra *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, que revolucionou os movimentos feministas, muito tem sido discutido e abordado em torno do que se configura como pertencente da mulher e como ocorre a construção de uma identidade feminina que parte do social.

De acordo com Butler (1987), a construção dessa identidade só ocorre em relação direta com o social, ao se reconhecer como mulher, uma série de determinismos sociais passam a ser afirmados, sendo eles de teor histórico, biológico e vários outros.

Entretanto, é importante observar que o gênero é mutável e ser mulher hoje não corresponde a ser mulher no século passado. As normas sociais mudam e se atualizam, com isso a construção e identificação de gênero também se modifica. Como afirma Rodrigues (2016, p. 19):

O gênero é mutável, e sua fixação em um dos padrões existentes acontece por ele ser construído por atos de repetição das normas sociais, mas as normas mudam, se atualizam e se ressignificam, como qualquer linguagem.

Sendo assim, ser mulher hoje é ter liberdade para exercer a construção de sua identidade, sendo protagonista de sua história e de sua existência, sem deixar que haja um poder masculino que delimite os seus passos e regre sua vida como se fosse dele. A contemporaneidade revela mais forte do que antes que todos nós somos iguais e que precisamos de autonomia.

Por isso mesmo os movimentos feministas lutam contra todo tipo de injustiça, opressão e submissão que possam ser vivenciados por mulheres de todo o mundo, evidenciando o seu maior lema: a igualdade entre gêneros.

3. Os quadrinhos

Publicada pela primeira vez em 1895 nos jornais de New York, as histórias em quadrinhos fizeram tanto sucesso que se atualizaram e reverberam até os dias atuais, especialmente no meio infanto-juvenil. Voltados para a diversão e o entretenimento, os quadrinhos são marcados por seu tom humorístico e pela sua natureza híbrida, composta por signos visuais e verbais.

As HQs mais famosas são as que trazem as histórias dos super-heróis, que criadas e imaginadas no universo das tirinhas, ganham espaço nas telas dos cinemas.

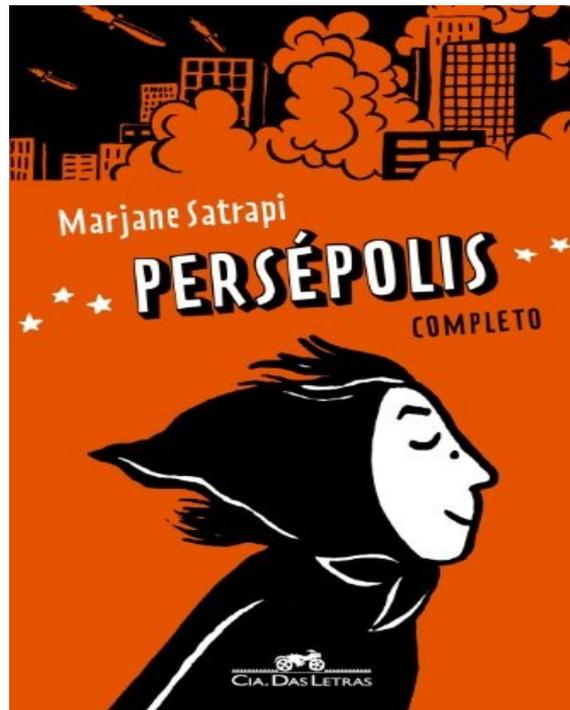
Para Eisner (1989), os quadrinhos constituem hoje o principal veículo da Arte Sequencial que possui a função de elementar de comunicar ideias e histórias através de figuras e palavras envolvendo movimento de determinadas imagens no espaço, com isso, os quadrinhos possuem a capacidade de produzir significados por meio da organização temporal e espacial de elementos que a mente é capaz de estabelecer. Ainda segundo Eisner, “a leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção estética e esforço intelectual”, isto é, a HQ faz com que o leitor exercite suas competências de interpretação visuais e verbais.

4. Persépolis

Lançada no Brasil em 2007 pela editora Companhia das Letras, a HQ autobiográfica da autora Marjane Satrapi narra uma história de aventuras de uma jovem consciente sobre o que é ser mulher em meio a uma situação de repressão. Após ter sua vida completamente transformada aos dez anos de idade por consequência de uma revolução islâmica que colocou o Irã no topo do conservadorismo, o quadrinho em questão soa como uma confidência de quem viveu de perto o medo de uma ditadura.

Além disso, Satrapi inova ao contar sua história por meio de quadrinhos, um gênero que até então era repleto de sucessos fictícios como as histórias de heróis já mencionadas. E assim como os HQs de ficção, Persépolis também teve sua adaptação para a linguagem cinematográfica e uma indicação ao Oscar, o prêmio máximo do cinema mundial. Abaixo uma ilustração do quadrinho publicado no Brasil:

Fig. 1 Uma história de Marjane Satrapi



Fonte: Satrapi (2007)

5. O feminismo em Persépolis

Criada até os dez anos de idade em um país monárquico e moderno, no qual a laicidade era obrigatória e o ensino era propiciado por uma escola francesa, além de receber uma educação familiar que lhe possibilitava questionar até mesmo Deus e construir sua identidade de forma independente, a jovem Satrapi se viu totalmente reprimida após o Islã revolucionar o seu país em 1979.

Em uma atitude autoritária, a revolução delimitava e direcionava o comportamento que deveria ser exercido pela figura feminina, afetando até mesmo as crianças e a forma de educação que lhes era transmitida. Com isso, as meninas passaram a usar por obrigatoriedade um véu, como pode ser visto abaixo:

Fig. 2 O começo de uma ditadura



Fonte: Satrapi (2007)

Sem entender o motivo ou a necessidade de se utilizar o véu diante de outras pessoas, a jovem heroína assim como algumas de suas outras colegas, rechaça aquela obrigatoriedade e brinca das mais diversas formas possíveis. Tendo uma atitude que aos olhos da nova lei seria um ato de rebeldia, de inconseqüência e de negação de um valor que deveria ser social e coletivo.

A pequena Marjane vai construindo sua vida diante de uma situação extremamente diferente da que era acostumada, como consequência ela não se cala e não se deixa levar pela onda repressora que parte exclusivamente de forças masculinas e que também ganhava apoio de algumas mulheres iranianas. Ela se coloca como uma pessoa ativa, consciente de seu lugar e de sua existência. Tanta valentia fez com que a jovem visionária tivesse de se exilar em um país europeu, suas atitudes naquele momento e naquele local eram incompreendidas, era necessário um tempo longe do seu país para que não houvesse riscos de vida.

Imigrante, novamente perdida em uma outra realidade desconhecida, Satrapi sente o medo de recomeçar a viver, sem a preocupação de não ser quem gostaria, mas com receio do novo. E nesta nova situação ela vive momentos de grande importância, como por exemplo, a descoberta do

amor e de outras amizades, as dificuldades e os prazeres de crescer sozinha, o seu envolvimento com algumas drogas, a dor de uma traição e novamente a volta para casa.

Cada vez mais desperta e agora com uma maturidade aflorada Marjane volta ao seu local de origem, mesmo que com a presença ainda forte da repressão e volta com as mesmas convicções que partiu, ela não é, e nem seria submissa a ordens machistas que tentassem ou quisessem transformá-la em tipo padrão do que deveria ser a mulher iraniana, ao ponto de confrontar os guardas, como podemos ver na figura abaixo:

Fig. 3 Uma atitude feminista



Fonte: Satrapi (2007)

Ao confrontá-los, Marjane demonstra toda uma atitude feminista e deixa nítido que a culpa não é da vítima, ela tem o direito de correr para tomar o ônibus, os homens é que não deveriam estar olhando. A situação exemplificada é extremamente pertinente para reafirmar que o machismo

coloca a culpa na mulher, como se ela estivesse pedindo ou insinuando que o homem fizesse algo. E ao gritar com esses homens machistas, Satrapi dá vozes para muitas mulheres que se veem em situações semelhantes todos os dias, mas se sentem retraídas e não conseguem se defender do mesmo modo.

Além desses abusos, as mulheres iranianas sofriam outros tipos de represália, sem poder se expressar e até mesmo sem poder ouvir músicas em aparelhos móveis. A luta se transformara e agora acontecia de modo mais discreto, burlando essas leis que as impediam até mesmo de sorrir alto, como pode ser visto na figura 4:

Fig. 4 Uma luta discreta



Fonte: Satrapi (2007)

Sempre questionando e enfrentando, Marjane se coloca como uma feminista autêntica que luta pelos seus ideais e pela vontade de ser livre, como era até os dez anos de idade. A busca pela liberdade e pelo direito de se expressar e de ser quem é, se configura como um lema feminista.

6. Considerações Finais

Ao escrever sua história em *Persépolis*, Marjane Satrapi não só revela as dificuldades que enfrentou ao longo do tempo, mas apresenta um quadrinho repleto de questionamentos e inquietudes de uma jovem visionária e consciente, que soube se posicionar e ser protagonista de sua própria existência. A HQ em questão não é apenas um relato autobiográfico, mas é também uma forma de encorajar mulheres de todo mundo, para que elas também sejam donas de suas vidas e não se submetam a ordens machistas.

A jovem iraniana demonstra em suas atitudes ao longo do quadrinho um posicionamento feminista, que não se deixa abalar pelos problemas e sabe que não é inferior a ninguém, tem a percepção de que precisa ser livre para realizar os seus desejos e sabe que apenas ela deve decidir os rumos de sua vida.

7. Referências

BEAUVOUIR, Simone de. O segundo sexo. São Paulo: Difel; 1980.

BUTLER, Judith. Feminismo como crítica da Modernidade. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987.

EISNER, W. Quadrinhos e arte sequencial. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

RODRIGUES, Rosângela. Mulheres e amores em ficções de autoria feminina. Campina Grande: EDUFPG, 2016.

SATRAPI, Marjane. *Persépolis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TOURAINÉ, Alain. O mundo das mulheres. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.